

# Como o humano se põe

## O enterro de Fichte no Fragmento hölderliniano de Píndaro *Os Asilos*\*

*Michael Franz*

*Universität Tübingen / Hölderlin-Gesellschaft*

**ABSTRACT:** The aim of the present essay is to assign a certain consistency to Hölderlin's Pindar-fragment *Die Asyle*, by summarizing it and also explaining how one may understand what I call Fichte's *Beisetzung*.

**KEYWORDS:** Friedrich Hölderlin, Pindar, Fichte.

A pesquisa de Hölderlin atribui o termo 'Fragmentos de Píndaro' a nove textos passados a limpo em sequência e agrupados numa encadernação de manuscritos de 1804 ou 1805. Esses nove textos têm em comum o fato de cada um deles começar com a tradução de uma citação de Píndaro, cuja transmissão é fragmentária e sem o contexto, tomada como base para outras reflexões geralmente resumidas ou apontadas no título. Esses textos não são comentários no sentido filológico. Pelo contrário: sua parte interpretativa (ou mesmo já a tradução introdutória) faz eventualmente intervenções críticas que, do ponto de vista filológico e no melhor dos casos, podem ser descritas como "infundadas". Isso é particularmente notável no texto que eu gostaria de discutir aqui.

Os Asilos

Primeiro conduziram  
A Têmis dos bons conselhos  
As Celestiais, em cavalos dourados, à beira  
Do Oceano salgado,  
As Horas a conduziram  
Até a escada, a sagrada, do Olimpo, para  
O retorno brilhante  
Da velha filha do Salvador,  
Para ser de Zeus,  
Ela, porém, deu,

---

\* Artigo convidado. Tradução de Kathrin Rosenfield. Revisão técnica de Wagner Quevedo.



A bondosa, à luz os ouro-tramados,  
Os luzente-engendrados lugares de repouso.\*

Como o humano se põe, um filho de Têmis, quando, pelo senso de perfeição, seu espírito não encontra sossego na terra e no céu, até deus e o humano se encontrarem no destino, reconhecendo-se pelos rastros da velha criação e pela rememoração da carência originária – feliz ele está *onde consegue se manter*.

Têmis, amante da ordem, deu à luz os *asilos do humano*, os calmos lugares de repouso, contra os quais nada de alheio tem poder porque o trabalho e a vida da natureza neles se concentra, e porque há um presságio em torno deles, como se fosse rememoração que experimenta aquilo mesmo que eles já tinham experimentado. (MA 2, 383)

*Os Asilos* começa com uma citação de 12 linhas de Píndaro. Transmitida por Clemente de Alexandria, essa passagem (de um poema perdido) trata das circunstâncias peculiares que levaram ao nascimento das Horas. Clemente se vale da citação apenas como prova de que o deus grego Zeus também recebeu o título de “Salvador” (sōtēr), que os cristãos usam para o seu “Salvador”.<sup>1</sup>

Como dito, o contexto da citação na obra de Píndaro nos escapa. Mas conhecemos outros textos de Píndaro que tratam das Horas. O mais importante deles é a 13ª Ode Olímpica, da qual Hölderlin infelizmente não deixou tradução própria. Cito, portanto, a bem-sucedida tradução de Dieter Bremer:

Pois nela [em Corinto] mora Eunomia e a irmã,  
Inabalável pedra fundamental das cidades,  
Dice e, criada com ela, Irene,  
Governanta da riqueza para os homens,  
Filhas douradas de Têmis dos bons conselhos.\*\* (Ol. XIII, 6-8)<sup>2</sup>

A cidade de Corinto é abençoada não apenas com um tricampeão olímpico, mas sobretudo por mais outra Trindade, isto é, pelo fato de nela morarem Eunomia e Dice (elas têm aí um templo), respectivamente “boa lei” e “justiça”, e com elas a terceira irmã, a paz [Irene], que

---

\* Die Asyle. Zuerst haben / Die wohlthathende Themis / Die Himmlischen, auf goldenen Rossen, neben / Des Ozeans Salz, / Die Zeiten zu der Leiter, / Zur heiligen geführt des Olympos, zu / Der glänzenden Rückkehr, / Des Retters alte Tochter, / Des Zevs zu seyn, / Sie aber hat / Die goldgehefteten, die gute, / Die glänzendbefruchteten Ruhestätten geboren (N. T.).

<sup>1</sup> Cf. as explicações de J. Gottlob Schneider em seu **Carminorum Pindaricorum Fragmenta**. Curavit J. Gottlob Schneider. Strasburg 1776, p. 79, reproduzidas em meu livro: FRANZ, M. »... und anderes denk in anderer Zeit ...«. **Hölderlins letzte Gedanken zu Recht und Politik in den ‚Pindarfragmenten‘**. Stuttgart: J.B. Metzler, 2020, p. 183.

\*\* Denn darin [sc. in Korinth] wohnt Eunomia und die Schwester, / unerschütterlicher Grundstein der Städte, / Dike und, mir ihr großgezogen, Eirene, / Verwalterin des Reichthums den Männern, / goldene Töchter der wohlthathenden Themis (N. T.).

<sup>2</sup> PINDAR. **Siegeslieder**. Griechisch-deutsch. Hrsg., übersetzt und mit einer Einführung versehen von Dieter Bremer. München: Artemis und Winkler, 1992, p. 95.

assegura a riqueza, residente nos mares, graças às imperturbadas relações comerciais. Assim, a pólis de Corinto é construída sobre os alicerces das Horas.

Hölderlin escreveu o texto grego desses versos de Píndaro numa página em branco do livreto *in folio* de Homburg, e lhe deu o título: “Origem da loyoté (lealdade).”<sup>3</sup>

Portanto ele não só conhecia os versos, mas reconhecia seu significado como caracterização da ideia política dos gregos. Não é atípico em sua conceituação que tenha formulado a antiga ideia por meio de uma palavra (*loyauté*) emprestada do mundo romano e de sua sobrevida na França, ou seja, da esfera “hespérica”.

Voltemos à encenação pindárica da procriação, ou seja, a concepção das Horas no fragmento. A ascensão de Têmis ao Olimpo para a procriação das Horas através de Zeus pode ser compreendida como uma espécie de cortejo guiado pelas Moiras, as quais também descendem de uma união mais antiga de Zeus e Têmis; tudo se passa como se as Moiras organizassem a celebração do “retorno brilhante” de sua mãe. Eu próprio usei a palavra “damas de honra” em meu livro.<sup>4</sup>

É bonito pensar a cena desse modo, e não é impossível imaginar que os ouvintes da encenação original de Píndaro tenham pensado assim. Mas, em Píndaro, muitas vezes ressoa algo no fundo de suas canções que é fascinante pelas latentes conotações violentas dos eventos cantados. Já a simples palavra “ágon” (eles conduziram), para “cortejo”, aguça nossos ouvidos. Afinal essa palavra também pode ser usada para o rapto mais ou menos violento de pessoas. Podemos até tentar afastar esse pensamento, mas é evidente que a união de Zeus com Têmis *não é* a consumação de um casamento. Mesmo que na Grécia Antiga houvesse concepções de matrimônio diferentes das do norte protestante da Europa, o casamento continua sendo assunto de Hera, esposa de Zeus ocupada com a legitimidade matrimonial. Ainda que o primeiro e o segundo encontros entre Zeus e Têmis fossem classificados como episódios em certa medida antenupciais, resta algo de suspeito.

Uma outra circunstância contribui para isso. No *Hino Homérico a Apolo* (um poema certamente mais antigo que o de Píndaro), Têmis é listada como testemunha do nascimento de Apolo em Delos, mas um epíteto é adicionado ao seu nome: “Ichnaiē.”<sup>5</sup> Se este é um epônimo

<sup>3</sup> Homburger Folioheft p. 82. In: Friedrich Hölderlin: HÖLDERLIN, F. **Sämtliche Werke: ‘Frankfurter Ausgabe’**. Hrsg. von D.E. Sattler. Homburger Folioheft. Faksimile-Edition. Frankfurt: Stroemfeld, 1986.

<sup>4</sup> FRANZ. »... und anderes denk in anderer Zeit ...«, p. 102.

<sup>5</sup> **Homerische Hymnen**. Griechisch und deutsch hrsg. von Anton Weiher. München und Zürich 1989, p. 39: An Apollon, v. 94. [Cf. tradução brasileira: **O hino homérico a Apolo**. Ed. Bilíngue. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral. Cotia/Campinas: Ateliê Editorial/Editora da UNICAMP, 2004, p. 133, v. 94 (Nota do Revisor, doravante N.R.)].

segundo um nome de lugar, então o lugar de onde vem Têmis, ou pelo qual ela é famosa, deveria ser chamado de Icna (Ichnae), e ela mesma deveria ser chamada de “Icnaia”. Tal lugar Icna é mencionado tanto por Heródoto quanto por Estrabo. Um autor da antiguidade tardia, porém, o etnógrafo Estêvão de Bizâncio (século VI d.C.), fornece uma explicação breve da palavra Icna, na qual é sugerida a seguinte história: Ἰχναίη Θέμις. Διωκομένη γὰρ ὑπὸ Διὸς κατελείφθη ἐν τοῖς τῶν Ἰχναίων τόποις. καὶ ἀπὸ τοῦ διωχθῆναι κατ’ ἴχνοσ ὠνομάσθη. “Têmis Icnaia. Perseguida por Zeus, foi capturada na região de Icna. E por ter sido *perseguida ao longo do rastro*, ela foi assim chamada.”<sup>6</sup> De fato, a palavra grega “Icnos” significa “rastro”.

O texto de Hölderlin não parece seguir esse rastro – pelo menos não à primeira vista –, embora certamente lhe fosse conhecido. Ele pode ter lido o comentário espiritualoso sobre Têmis em Benjamin Hederich:

Ela tentou escapar das núpcias com Júpiter de todas as maneiras, mas foi finalmente traída por seus ἴχνη [rastros], ou pegadas, e apanhada na Macedônia, perto da cidade por isso denominada *Icna*.<sup>7</sup>

É necessário evidenciar esse latente fundo violento ao passarmos, agora, para a teoria da pólis colocada por Píndaro em vestes míticas de sequências genealógicas: as Moiras, deusas do destino nascidas de uma primeira união de Zeus com Têmis, levam sua mãe Têmis ao Monte Olimpo (que não é sua morada), onde ela concebe a segunda trindade de filhas [as Horas] num segundo acasalamento com Zeus. Tudo o que constitui a pólis em seus fundamentos e que a mantém unida provém de uma união sexual de Têmis e Zeus – de uma união em certo sentido irregular. A “amante da ordem” Têmis (como Hölderlin a nomeia infalivelmente) recebe do “salvador” Zeus, que detém a soberania de um supremo governante (a “glória das artes imortais de governar” MA 1, 285), *os seres que constituem a pólis*. O fato de as Horas guardarem em seu nome uma referência às (três) estações do ano vincula seu conceito à representação do “momento oportuno” (kairós), uma noção bastante importante para a compreensão de história desenvolvida pelos gregos.<sup>8</sup> Também a política (boa lei, justiça e paz) precisa de um faro para o “momento oportuno”.

<sup>6</sup> BYZANZ, S. v. **Ethnika**. Stephani Byzantii Ethnicorum Quae Supersunt Ex Recensione Augusti Meinekii. Graz: Akademische Druck - U. Verlagsanstalt, 1958 (Unveränderter Abdruck der 1849 in Berlin erschienenen Ausgabe), p. 342.

<sup>7</sup> HEDERICH, B. **Gründliches Mythologisches Lexikon**. (Reprograph. Nachdr. d. Ausg. Leipzig 1770) Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996, s.v. Themis, p. 2334.

<sup>8</sup> Cf. o dito de um dos “Sete Sábios da Grécia”, Pítaco de Lesbos: καιρὸν γινῶθι (conhece o momento oportuno): DIELS, H. e KRANZ, W. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. 8. Auflage, Berlin: Weidmann, 1952, p. 64.

O canto de Píndaro sobre o nascimento da política a partir do elo entre ordem e soberania, adquire relevância no discurso político dos dias em que a velha ordem fora varrida da França e os sobreviventes continuavam a lutar com todos os meios pela conquista da soberania. O exemplo clássico é o projeto da revista *As Horas*, de Schiller.<sup>9</sup> No anúncio da revista, publicado no final de 1794, o editor promete manter silêncio sobre a “disputa de opiniões e interesses políticos” e sobre a “crítica ao Estado” reinante nos “escritos do dia”, ou seja, “manter um silêncio estrito sobre o tema favorito do dia” (III). Sua alternativa é remeter à tríade das deusas gregas:

Decência e ordem, justiça e paz serão, portanto, o espírito e a regra desta revista; as três irmãs *Eunomia*, *Dice* e *Irene* a governarão. Nessas deusas, o grego venerava a ordem que sustenta o mundo, da qual fluem todas as coisas boas, e cujo símbolo mais adequado se encontra no ritmo constante do movimento solar. A fábula faz delas as filhas de *Têmis* e *Zeus*, da lei e do poder (VI).

O impressionante nessa reverência diante das deusas antigas é que os equivalentes schillerianos “decência e ordem” para *Eunomia* refletem de forma bastante exata o conhecimento lexical da época sobre *Têmis*, mas suprimem o aspecto legal presente no nome “Eu-nomia” (“boa lei”) da primeira das Horas, enquanto o atribuem a *Têmis*, que funciona como “a lei”. A genealogia da “ordem de sustentação do mundo” não parece ser totalmente incontroversa.

O que faz a tradução de Hölderlin com o mito pindárico? Ela altera significativamente a narrativa. Em Hölderlin, não se fala mais do nascimento das Horas, mas do nascimento dos “lugares de repouso”. Como ele chegou a essa expressão?

As duas últimas palavras do fragmento de Píndaro (transmitido por Clemente de Alexandria) são *agathà sōtēras*, literalmente traduzidas: a boa as salvadoras (acusativo). Talvez deva-se relacionar a “boa” a *Têmis*, e Hölderlin traduz as “salvadoras” como “lugares de repouso”. Assim: “a boa [deusa] deu à luz os lugares de repouso”. Às vezes, o título “salvador” é justaposto ao nome de vários deuses e deusas (entre outros, ao de Zeus algumas linhas antes no texto de Píndaro, mas também com frequência em templos de zonas portuárias onde marinheiros lhe oferecem sacrifícios para sua salvação passada ou futura).<sup>10</sup> Mas um coletivo de deusas com o título de “salvadoras” é desconhecido na literatura antiga. O tema da salvação,

<sup>9</sup> SCHILLER, F. *Die Horen eine Monatsschrift, von einer Gesellschaft verfaßt* und hrsg. von Schiller. Jena: Cotta, 1795.

<sup>10</sup> *Der Neue Pauly. Enzyklopädie der Antike*. Hrsg. von Hubert Cancik und Helmut Schneider. Bd. 11, Stuttgart / Weimar: J.B. Metzler, 2001, s.v. Soter, p. 752.

entretanto, é especialmente virulento na poesia de Hölderlin após seu retorno de Bordeaux. Basta lembrar os versos de abertura de *Patmos* (“Mas onde há perigo, cresce / também o que salva”: MA 1, 447). Todavia, na passagem de Píndaro, – de acordo com a genealogia exata de Hesíodo<sup>11</sup>, que ao menos por ora vale também para Píndaro – espera-se o nascimento das Horas, não o de quaisquer “salvadoras” anônimas.

Eis também a razão pela qual Henricus Stephanus, o primeiro compilador dos fragmentos de Píndaro, reconstituiu o sentido esperado através de uma alteração mínima, a saber, pela eliminação de duas letras: em vez de *agathà sōtēras*, ele leu *agathàs (h)oras*: as boas Horas.<sup>12</sup> Essa engenhosa alteração textual sobreviveu até os dias de hoje. Hölderlin não a adotou. As observações que Hölderlin acrescentou à tradução não se referem diretamente a essa decisão crítica em relação ao texto original. As razões pelas quais o tradutor Hölderlin tomou como modelo o texto não corrigido, só podem ser reconstruídas indiretamente.

Antes de mais nada, devemos falar sobre os “custos” que essa reconstituição das últimas palavras da citação acarreta para o resto da tradução. Afinal, como consequência da decisão crítica em relação ao texto, o tradutor também troca de lugar as figuras no início da citação de Píndaro. Em vez das Moiras que, em Píndaro, conduzem sua mãe ao recinto de Zeus, são as “horas” (*Zeiten*) que, em Hölderlin, assumem a tarefa. Como sugere o epíteto “as celestiais”, as “horas” (*Zeiten*) são aqui as deusas “Horas” (*Horen*).

Portanto Hölderlin não exclui as Horas da genealogia dos lugares humanos de repouso. Elas assumem agora o papel que as Moiras tinham nos versos de Píndaro: garantem o ato de procriação. Sem as Horas, não haveria lugares de repouso.

Trata-se, pois, de uma notável “correção de mito”<sup>13</sup> com uma determinada intenção a ser reconstituída. Somente as reflexões que o tradutor Hölderlin acrescentou à sua tradução podem ajudar nisso. Elas começam com as palavras: “como o humano se põe (*sich setzt*)”. Portanto formulam um tema que será tratado nos dois parágrafos seguintes. Mas esse tema, que diz respeito ao ser humano, é completamente estranho ao texto Píndaro, que fala apenas de deuses, sem menção a seres humanos – ou mesmo *ao* humano. No entanto, com o objetivo de vincular

<sup>11</sup> HESIOD. *Theogonie*, vv. 901-906. In: ders. **Theogonie \* Werke und Tage**. Griechisch und deutsch. Hrsg. und übersetzt von Albert von Schirnding. Mit einer Einführung und einem Register von Ernst Günther Schmidt. München und Zürich: Artemis und Winkler, 1991, p. 72.

<sup>12</sup> Cf. o fac-símile da edição original de 1560 em meu livro: FRANZ. »... und anderes denk in anderer Zeit ...«, p. 162 (junto com a tradução do texto latino).

<sup>13</sup> Termo cunhado por Bernd Seidensticker, cf. **Mythenkorrekturen. Zu einer paradoxalen Form der Mythenrezeption**. Hrsg. von Martin Vöhler und Bernd Seidensticker in Zusammenarbeit mit Wolfgang Emmerich. Berlin / New York: De Gruyter, 2005.

suas reflexões ao mito de Píndaro, Hölderlin atribui ao “humano” uma determinação genealógica surpreendente: o humano – um filho de Têmis. Essa descendência do humano de Têmis é uma livre invenção de Hölderlin. E provavelmente a palavra “filho” não tem aqui sentido literalmente genealógico, mas é pensada figurativamente para dar conta do fato de que, para ser humano, é necessário herdar decência e ordem do patrimônio materno (o Alfa e o Ômega de todos os presentes de Têmis).

Agora deve ser explicado “como o humano se põe”. O “como” desse processo leva de um primeiro estado de inquietação, descrito na oração condicional “quando”, a um encontro fatídico entre deus e o humano, encontro que doa ao homem “lugares de repouso”, um ponto de apoio em que ele é “feliz”. Isso pode ser entendido como uma paráfrase do processo histórico que tornou a humanidade sedentária, considerando-se que as ideias contemporâneas sobre os primórdios da civilização humana giravam em torno de fantasias sobre “selvagens” que “vagam na floresta”, antes de se tornarem seres humanos “de verdade” no “estado de sociedade”.<sup>14</sup> Mas essa camada semântica da gênese da civilização, por mais que se imponha na superfície do texto de modo pertinente, apenas faz a mediação para considerações que, com a questão da destinação do humano, podem adentrar regiões mais fundamentais. Seria o regime sedentário aquilo que constitui o humano? Dificilmente.

Com a escolha do “pôr a si mesmo” (“como o humano se põe”), surge um motivo que fora emblemático na filosofia de Fichte antes dele ter sido empurrado para as margens da cena filosófica pelos jovens recém-chegados de Tübingen.\* Lembremos uma *Xênia* das figuras olímpicas de Weimar\*\*, que trata dessa “especialidade” fichteano:

Eu sou eu e ponho a mim mesmo, e se ponho a mim mesmo  
Como não posto, bem, eu concedo! vou acrescentar um não-Eu.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Por exemplo, por Rousseau no *Discours sur l'inégalité* in: ROUSSEAU, J.-J. **Schriften zur Kulturkritik. Über Kunst und Wissenschaft (1750) / Über den Ursprung der Ungleichheit unter den Menschen (1755)**. Eingeleitet, übersetzt und hrsg. von Kurt Weigand. Zweite, erweiterte und durchgesehene Auflage. Hamburg: Meiner, 1971, p. 183; cf. também FICHTE, J. G. **Die Bestimmung des Menschen**. Auf der Grundlage der Ausgabe von Fritz Medicus revidiert von Horst D. Brandt. Mit einer Einleitung von Hansjürgen Verweyen. Hamburg: Meiner, 2000, p. 108: “hordas de selvagens sem lei ainda vagam por vastos desertos”.

\* Hölderlin, Hegel e Schelling. (N. T.)

\*\* Goethe e Schiller. (N. T.)

<sup>15</sup> SCHILLER, F. Gedichte. In: **Sämtliche Werke. Band 1, Gedichte / Dramen 1**. Hrsg. von Albert Meier, München: dtv 2007, p. 299.

Mesmo que posteriormente Fichte não tenha feito um uso tão excessivo desse verbo reflexivo como nos primeiros escritos da *Doutrina da ciência* de 1794-1795, o “pôr a si mesmo” permanece central também nos tratados posteriores como, por exemplo, o escrito popular *A destinação do humano*, que Hölderlin certamente conhecia, e cujo título fornece a palavra-chave para o longo ensaio que começa com a frase “Uma vez que o poeta dominou o espírito...” (*Sobre o modo de proceder do espírito poético*). (MA 2, 98)

Fichte quer apresentar toda a doutrina da ciência como um “sistema da liberdade”<sup>16</sup> e justificá-la através de um ato de liberdade, através de um estado-de-ação (*Tathandlung*) (ou seja, um ato que consuma a si mesmo, uma ação performativa, como alguns diriam hoje), isto é: a autopoisição do Eu que põe a si mesmo. Esse estado-de-ação do “eu me ponho livremente” (como formulado na introdução à *Doutrina dos Costumes* de Fichte<sup>17</sup>) é, *eo ipso*, um pôr do direito. Pois “eu me ponho livremente” significa “eu me ponho em meus direitos”, que são sobretudo coletivos e, portanto, são os “direitos humanos”, como já formulado em *Reivindicação da liberdade de pensamento*, de 1793.<sup>18</sup> Dessa forma, o estado-de-ação do pôr a si mesmo é o ato constitutivo para um “reino da liberdade”<sup>19</sup>, no qual o homem pode viver “independentemente da mera força da natureza.”<sup>20</sup>

Mas como Hölderlin expõe agora sua própria compreensão de como o humano se põe? É o que ele desenvolve na primeira seção de suas considerações com as seguintes palavras:

Quando, pelo senso de perfeição, seu espírito não encontra sossego na terra e no céu, até deus e o humano se encontrarem no destino, reconhecendo-se pelos rastros da velha criação e pela rememoração da carência originária – feliz ele está *onde consegue se manter*. (MA 2, 383)

Em primeiro lugar, reconstrói-se aqui uma “carência originária” que está no fato do humano certamente possuir um senso de perfeição que o impele a buscá-la, mas que, por outro lado, não deixa seu espírito em paz. E isso vale tanto “na terra como no céu”, ou seja, em todo

<sup>16</sup> FICHTE. *Die Bestimmung des Menschen*, p. 32.

<sup>17</sup> FICHTE, J. G. *Das System der Sittenlehre nach den Principien der Wissenschaftslehre* von Johann Gottlieb Fichte. Jena und Leipzig: Gabler, 1798, p. XIII; cf. também já em FICHTE, J. G. *Grundriß des Eigentümlichen der Wissenschaftslehre in Rücksicht auf das theoretische Vermögen als Handschrift für seine Zuhörer (1795)*. Auf der Grundlage der Ausgabe von Fritz Medicus hrsg. von Wilhelm G. Jacobs. Hamburg: Meiner, 1975, p. 40: “o Eu é livre na medida em que, e pelo fato de que se põe livremente, se liberta”.

<sup>18</sup> FICHTE, J. G. Zurückforderung der Denkfreiheit von den Fürsten Europens, die sie bisher unterdrückten. In: Fichte, J. G. *Schriften zur Revolution*. Hrsg. und eingeleitet von Bernhard Willms. Frankfurt/M - Berlin - Wien: Ullstein, 1973, p. 67.

<sup>19</sup> FICHTE. *Die Bestimmung des Menschen*, p. 119.

<sup>20</sup> FICHTE. *Die Bestimmung des Menschen*, p. 98.

o reino da natureza. A palavra “sossego” já aponta para uma conexão com o texto de Píndaro, que na versão corrigida de Hölderlin conta a história do nascimento dos lugares de repouso.

A entrada de um destino põe fim a esse estado originário de inquietude. Para Hölderlin, um “destino” é um acontecimento repentino, geralmente uma mudança de direção que leva o relacionamento entre deus e o humano a um novo patamar. Pelo menos esse é o uso que Hölderlin faz da palavra e dos respectivos protagonistas deus e humano, também nas *Observações* sobre Sófocles. Nas tragédias gregas, os deuses realmente entram em cena (não apenas como *deus ex machina*) e, numa passagem, Hölderlin ousa até mesmo chamar de acasalamento o encontro entre deus e o humano.

No contexto de seu fragmento de Píndaro, a princípio fica em aberto quem seria o deus que nele aparece. Apesar do uso geral do masculino “o deus”, não vejo outra maneira de dar consistência ao pensamento de Hölderlin a não ser assumindo que o deus que aqui encontra “o” humano é Têmis, ou seja, uma deusa. De fato, a segunda seção das considerações começa com o nome dessa deusa.

Mas fiquemos mais um pouco nesse estado de inquietação, descrito como uma propulsão insatisfeita. Aqui Hölderlin parece retomar uma reflexão desenvolvida alguns anos antes em um prefácio do romance *Hipérion*:

Unir-nos com a natureza em um todo infinito, eis o objetivo de todo nosso esforço  
[...]  
Mas nem nosso saber nem nossa ação conseguem chegar, em qualquer período da  
existência, onde todo conflito cessa, onde tudo é um. (MA 1, 558)

A solução de Hölderlin para essa eterna contradição, essa desarmonia entre “sentido” e “espírito” do humano, consiste em afirmar que o objetivo inalcançável, tanto para a razão como para a ação, já está “presente – como beleza”: “um novo reino nos espera onde a beleza é rainha”. (MA 1, 559) Isso significa: não precisa ser realizado por nós, ele já está aí e nos espera.

Apesar de não se falar da beleza ou de seu reinado nos ‘Fragmentos de Píndaro’, a estrutura sistemática com a qual Hölderlin se opõe a uma teoria do esforço infinito parece ser analogamente mantida. Pois para o pôr a si mesmo do humano é reservado um lugar de uma divindade (já presente) no *fragmento de Píndaro*, precisamente aqueles lugares de repouso que possibilitam o fim do esforço inquieto do espírito pela satisfação de seu sentido de perfeição.

Além disso, já no começo do segundo parágrafo esses lugares de repouso são qualificados como “os asilos do humano”. Pois a característica marcante desse refúgio oferecido aos humanos é precisamente a independência em relação a reivindicações legais alheias (“contra as

quais nada de alheio tem poder”). Embora se encontrem no “reino da natureza” (mesmo lá onde a natureza é mais intensa ou “concentrada”), os lugares de repouso estão isentos de restrições naturais ou do “eterno fluxo natural hostil ao humano”, como dito textualmente nas *Observações sobre Sófocles*. (MA 2, 373 s.)

Deve-se lembrar que esse asilo não foi criado pelo homem, mas é uma dádiva da deusa Têmis. A cena do reconhecimento (anagnorisis é a palavra grega para esse conceito na *Poética* de Aristóteles) entre deus (deusa) e humano certamente emerge da descoberta dos “rastros da velha criação.”\* Com isso, retornamos ao núcleo enigmático da reflexão de Hölderlin. Para uma reconstrução ao menos provisória do sentido (ou dos múltiplos sentidos) dessa sequência de palavras, um primeiro passo seria lembrar que, sem qualquer contexto imediato, Hölderlin escreveu “os rastros da velha criação” na margem inferior da mesma página do livreto *in folio* de Homburg em que copiou, sob o título “origem da loyoté”, os versos de Píndaro sobre as Horas. Por acaso as três Horas, Eunomia, Dice e Irene, deveriam ser também consideradas como os “rastros da velha criação”? Como conceber isso de forma consistente?

Vejo apenas uma maneira: assumir que a palavra “criação”, utilizada por Hölderlin em outro ‘Fragmento de Píndaro’ no sentido de “educação para a disciplina”<sup>21</sup>, se refere a um universo diferente de imagens em *Os Asilos*. Nas *Observações sobre Antígone*, Hölderlin chamou de “acasalar-se” (MA 2, 315) o encontro trágico entre deus e o humano, certamente servindo-se da linguagem da biologia e da pecuária. Entre muitos outros sentidos dos mais usuais em textos filosóficos, a palavra “criação” também tem (segundo o dicionário dos irmãos Grimm) a acepção de “reprodução animal assistida” (Grimm). No caso de Têmis e Zeus, não há menção a animais, nem mesmo os humanos assistem sua “reprodução”. No entanto essa esfera semântica se encaixaria bem na suspeita de fundo das narrativas míticas, segundo a qual essas copulações de Têmis com Zeus não ocorriam sem “condução” (o que quer que isso implique). Nos versos de Píndaro, são as Moiras que assumem o papel de conduzir a noiva, nas traduções de Hölderlin são as Horas que cumprem essa tarefa. Mas há dois eventos de “reprodução assistida” em sua versão do mito. Um primeiro, do qual nascem os Horas, e um segundo, do qual emergem os lugares de repouso, ou melhor, os asilos do humano. Poderíamos

---

\* Em alemão, *Zucht* significa disciplina, rigor na execução, procriação ou engendramento de uma certa espécie ou raça de criaturas (animais, vegetais ou humanas). Criação pode dar conta dos dois sentidos quando se tem em mente expressões do tipo: “tal pessoa é assim por causa de sua criação” (N. R.).

<sup>21</sup> In *Das Höchste*: MA 2, 382.

chamar os dois eventos e seu resultado de primeira e segunda criação ou, retrospectivamente, de velha e nova criação.

Não é possível dizer se Hölderlin teve a intenção de incorporar totalmente em sua nova concepção do mito as implicações da lenda local a respeito dos rastros que levaram à captura de Têmis. Mas isso também não tem importância. Basta observar que Hölderlin incorpora de forma lúdica um motivo do mito de Têmis (“os rastros”) a sua história do surgimento da humanidade politicamente organizada. Seja como for, as Horas colaboram no momento em que são gerados e paridos os lugares de repouso para os humanos. O que torna possível o reconhecimento de deus e do humano são os rastros da antiga criação – eu traduzo: os legados do acasalamento anterior. Como boa lei, justiça e paz já existem (são o resultado da “velha criação”), a ocupação dos lugares de repouso do humano pode ocorrer de maneira decente e ordenada. Boa lei, justiça e paz são os poderes que garantem a construção de uma “cidade livre”<sup>22</sup> ou de um asilo na esfera da humanidade liberada do curso inexorável da natureza.

O arabesco final na consideração de Hölderlin sobre os asilos do humano fala do fato de que, precisamente nas proximidades desses “calmos lugares de repouso” retraduzidos pelo poeta em moldes gregos, tem lugar um “presságio” (talvez do porvir) experimentado como rememoração, ou seja, como restituição de algo pretérito. No plano mais superficial, isso pode encobrir referências aos mais conhecidos asilos dos gregos (Delfos e Éfeso ou Claros), que também abrigavam um oráculo. Mas a palavra “rememoração” (a única utilizada duas vezes no texto) provavelmente se refere à teoria da religião que Hölderlin desenvolvera alguns anos antes. Resumidamente, segundo Hölderlin, religião é a resposta às dádivas ou salvação divina, evocada graças à rememoração das próprias dádivas ou salvação. Mas a rememoração é a mãe das Musas e, portanto, a oferta da gratidão humana é um assunto poético. (MA 2, 55 e 57)

Gostaria agora de resumir o resultado de minha tentativa de dar certa consistência ao texto (nos dois níveis da tradução e da consideração adicional), e ao mesmo tempo aproveito para explicar o subtítulo de minha apresentação.

1. A alteração deliberada da genealogia que encontramos em Píndaro indica que existe uma intenção subjacente que vai além da mera interpretação de um texto. Como no modelo de Píndaro, ela provavelmente diz respeito a uma genealogia da política na versão corrigida de

---

<sup>22</sup> No *Grosses vollständiges Universal-Lexicon aller Wissenschaften und Künste* (1731-1754) de Johann Heinrich Zedler, não existe verbete para a palavra asilo. Em vez disso, a instituição é minuciosamente discutida no verbete Freystadt / Freyhung / *asylum*.

Hölderlin. Entretanto a genealogia da política de Hölderlin parece ser diferente da de Píndaro e também do modelo de Fichte.

2. Enquanto Píndaro constrói uma sequência em que comparecem Têmis, as Moiras e as Horas, a ordem de Hölderlin é diferente: Têmis – as Horas – os lugares de repouso (*Ruhestätten*). Decência e ordem são os primeiros pré-requisitos para a humanização do humano; além disso, é necessário o auxílio de Eunomia, Dice e Irene para erguer uma pólis, sem esquecer da libertação do reino humano das restrições do reino animal (natureza). A política somente é possível através dessa libertação do reino da natureza e de seu direito do mais forte. Por ser uma ideia moderna, ela ainda não pode aparecer em Píndaro.

3. Mas essa ideia de Hölderlin (a libertação humana do reino animal através da representação de um asilo para o humano na natureza) não é tão moderna quanto a de Fichte, o qual não carece de nenhum dote divino para a constituição de seu reino de liberdade, apesar de todas as claras invocações de Deus<sup>23</sup> que podem derivar mais de sua piedade pessoal do que das necessidades de seu sistema da liberdade.

4. No entanto, como em muitos outros de seus textos teóricos, Hölderlin fez aqui amplo uso do arsenal fichteano de conceitos. Vários exemplos disso já foram localizados pela literatura secundária; aqui me refiro apenas aos trabalhos de Violetta Waibel.<sup>24</sup> Uma busca mais sistemática seria apropriada. Ela poderia, por exemplo, investigar também a estrutura lógica de “nem a, nem b, mas a e b juntos”, desenvolvida na *Doutrina dos Costumes* (1798) de Fichte<sup>25</sup> e retomada por Hölderlin em um fragmento de ensaio (“Sobre Religião”) – que poderia, por esse motivo, ser novamente datado (MA 2, 56).<sup>26</sup> Poderia ser também uma versão preliminar daquela “definição primeira, mais pura, ou seja, mais abstrata do absoluto”<sup>27</sup>, que Hegel já reproduzia em uma fórmula de cinco partes de um fragmento datado do outono de 1800: “a vida é a conexão da conexão e da não-conexão”.<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> Cf. FICHTE. *Die Bestimmung des Menschen*, p. 144 ss.

<sup>24</sup> WAIBEL, V. *Hölderlin und Fichte 1794-1800*. Paderborn: Schöningh, 2000.

<sup>25</sup> FICHTE. *System der Sittenlehre*, p. 103: “originariamente, o Eu não é nem subjetivo nem objetivo, mas ambas as coisas”.

<sup>26</sup> “Em relação a sua matéria, elas [as relações religiosas] não conterão nem meras ideias ou conceitos ou caracteres, nem mesmo meros fatos ou estados de coisas, nem tampouco ambas as coisas separadas, mas ambas juntas” (*Fragment philosophischer Briefe*).

<sup>27</sup> HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik*. Hrsg. von Georg Lasson. Erster Teil. Hamburg: Meiner, 1971, p. 59.

<sup>28</sup> HEGEL, G.W.F. *Gesammelte Werke*. In Verbindung mit der Deutschen Forschungsgemeinschaft hrsg. von der Nordrhein-Westfälischen Akademie der Wissenschaften und der Künste. Band 2: *Frühe Schriften II*. Bearbeitet von Friedhelm Nicolin, Ingo Rill und Peter Kriegel. Hrsg. von Walter Jaeschke. Hamburg: Meiner, 2014, p. 443s.

5. Emanuel Hirsch – um teólogo controverso, a quem devemos, entre outras coisas, a recepção precoce de Kierkegaard na Alemanha, mas que também cometeu erros quase imperdoáveis – publicou um famoso tratado em 1924, no qual queria provar que muitos dos conceitos essenciais e das fantasias do romantismo encontraram seu lugar como etapas superadas da formação do espírito na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel.<sup>29</sup> Meu subtítulo não é tão malicioso assim. O reino da liberdade de Fichte não é considerado como obsoleto (morto) no texto de Hölderlin, nem o poeta pretende enterrá-lo. Ele é antes posto de lado<sup>30</sup>, na medida em que o poeta mostra que qualquer sistema da liberdade não pode começar com uma autopoção, mas “vive de pressupostos que ele não pode justificar por si mesmo.”<sup>31</sup>

*Michael Franz*

*Universität Tübingen*

*Hölderlin-Gesellschaft*

*DrMFranz@T-Online.de*

## BIBLIOGRAFIA

Abreviatura

[MA] Friedrich Hölderlin. **Sämtliche Werke und Briefe**. Hrsg. von Michael Knaupp, Bd. 1-3. München: Hanser Verlag, 1992-1993.

---

<sup>29</sup> Cf. a reimpressão in: **Materialien zu Hegels ›Phänomenologie des Geistes‹**. Hrsg. von Hans Friedrich Fulda und Dieter Henrich. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1973, pp. 245-275.

<sup>30</sup> A referência aos escritos de Fichte, em particular à *Doutrina da Ciência*, também pode ser demonstrada em outro dos *Fragmentos de Píndaro*, *O Supremo*, onde a “lei” é definida como “mediatidade estrita” na contramão da compreensão fichteana do “pôr pura e simplesmente” como um saber “imediativo”. Cf. a introdução de FICHTE. **Das System der Sittenlehre**, p. v.

<sup>31</sup> Naturalmente, isso é uma alusão ao chamado “dito de Böckenförde”; cf. BÖCKENFÖRDE, E-W. *Die Entstehung des Staates als Vorgang der Säkularisation*. In: ders. **Recht, Staat, Freiheit. Studien zur Rechtsphilosophie, Staatstheorie und Verfassungsgeschichte**. Erweiterte Ausgabe, Frankfurt/Main: Suhrkamp, 2006, especialmente p. 112.

- BÖCKENFÖRDE, Ernst-Wolfgang. Die Entstehung des Staates als Vorgang der Säkularisation. In: Böckenförde, E-W. **Recht, Staat, Freiheit. Studien zur Rechtsphilosophie, Staatstheorie und Verfassungsgeschichte**. Erweiterte Ausgabe, Frankfurt/Main: Suhrkamp, 2006.
- BYZANZ, Stephan von. **Ethnika**. Stephani Byzantii Ethnicorum Quae Supersunt Ex Recensione Augusti Meinekii. Graz: Akademische Druck - U. Verlagsanstalt, 1958 (Unveränderter Abdruck der 1849 in Berlin erschienenen Ausgabe).
- CANCIK, Hubert und SCHNEIDER, Helmuth (hrsg.). **Der Neue Pauly. Enzyklopädie der Antike**. Bd. 11, Stuttgart / Weimar: J.B. Metzler, 2001.
- DIELS, Hermann. und KRANZ, Walther. **Die Fragmente der Vorsokratiker**. 8. Auflage, Berlin: Weidmann, 1952.
- FICHTE, Johann Gottlieb G. Zurückforderung der Denkfreiheit von den Fürsten Europas, die sie bisher unterdrückten. In: Fichte, J. G. **Schriften zur Revolution**. Hrsg. und eingeleitet von Bernhard Willms. Frankfurt/M - Berlin – Wien: Ullstein, 1973.
- FICHTE, Johann Gottlieb **Grundriß des Eigentümlichen der Wissenschaftslehre in Rücksicht auf das theoretische Vermögen als Handschrift für seine Zuhörer (1795)**. Auf der Grundlage der Ausgabe von Fritz Medicus hrsg. von Wilhelm G. Jacobs. Hamburg: Meiner, 1975.
- FICHTE, Johann Gottlieb. **Das System der Sittenlehre nach den Principien der Wissenschaftslehre** von Johann Gottlieb Fichte. Jena und Leipzig: Gabler, 1798.
- FICHTE, Johann Gottlieb. **Die Bestimmung des Menschen**. Auf der Grundlage der Ausgabe von Fritz Medicus revidiert von Horst D. Brandt. Mit einer Einleitung von Hansjürgen Verweyen. Hamburg: Meiner, 2000.
- FRANZ, Michael. »... und anderes denk in anderer Zeit ...«. **Hölderlins letzte Gedanken zu Recht und Politik in den ‚Pindarfragmenten‘**. Stuttgart: J.B. Metzler, 2020.
- FULDA, Hans Friedrich und HENRICH, Dieter (hrsg.). **Materialien zu Hegels ›Phänomenologie des Geistes‹**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1973.
- HEDERICH, Benjamin. **Gründliches Mythologisches Lexikon**. (Reprograph. Nachdr. d. Ausg. Leipzig 1770) Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Gesammelte Werke**. In Verbindung mit der Deutschen Forschungsgemeinschaft hrsg. von der Nordrhein-Westfälischen Akademie der Wissenschaften und der Künste. Band 2: Frühe Schriften II. Bearbeitet von Friedhelm Nicolin, Ingo Rill und Peter Kriegel. Hrsg. von Walter Jaeschke. Hamburg: Meiner, 2014.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Wissenschaft der Logik**. Hrsg. von Georg Lasson. Erster Teil. Hamburg: Meiner, 1971, S. 59.
- HESIOD. **Theogonie \* Werke und Tage**. Griechisch und deutsch. Hrsg. und übersetzt von Albert von Schirnding. Mit einer Einführung und einem Register von Ernst Günther Schmidt. München und Zürich: Artemis und Winkler, 1991.
- HÖLDERLIN, Friedrich. **Sämtliche Werke: 'Frankfurter Ausgabe'**. Hrsg. von D.E. Sattler. Homburger Folioheft. Faksimile-Edition. Frankfurt: Stroemfeld, 1986.
- Homerische Hymnen**. Griechisch und deutsch hrsg. von Anton Weiher. München und Zürich: Artemis und Winkler, 1989.
- PINDAR. **Carminorum Pindaricorum Fragmenta**. Curavit J. Gottlob Schneider. Johann Friedrich Stein: Strassburg, 1776.
- PINDAR. **Siegeslieder**. Griechisch-deutsch. Hrsg., übersetzt und mit einer Einführung versehen von Dieter Bremer. München: Artemis und Winkler, 1992.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Schriften zur Kulturkritik. Über Kunst und Wissenschaft (1750) / Über den Ursprung der Ungleichheit unter den Menschen (1755)**. Eingeleitet, übersetzt und hrsg. von Kurt Weigand. Zweite, erweiterte und durchgesehene Auflage. Hamburg: Meiner, 1971.
- SCHILLER, Friedrich. **Die Horen eine Monatsschrift, von einer Gesellschaft verfaßt** und hrsg. von Schiller. Jena: Cotta, 1795.
- SCHILLER, Friedrich. **Sämtliche Werke. Band 1, Gedichte / Dramen 1**. Hrsg. von Albert Meier, München: dtv <sup>2</sup>2007.
- VÖHLER, Martin; SEIDENSTICKER, Bernd; EMMERICH, Wolfgang (hrsg.). **Mythenkorrekturen. Zu einer paradoxalen Form der Mythenrezeption**. Berlin / New York: De Gruyter, 2005.
- WAIBEL, Violetta. **Hölderlin und Fichte 1794-1800**. Paderborn: Schöningh, 2000.